

Timárion em pelo: três espécimes

Timarión *acerca del vello: tres tipos*

Timarion *in fleece: three exemplars*

Reina Marisol Troca Pereira

Universidade de Coimbra - Universidade da Beira Interior
Portugal
rntp@mail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

Resumen

El presente artículo se divide en dos secciones. El primero delimita y contextualiza el *topos* en cuestión, relacionado con pilosidades en literatura. El segundo presenta una reflexión sobre los significados que incluye la apariencia capilar de tres figuras del *opusculum* bizantino anónimo del siglo XII escrito en griego antiguo, *Timarión*. En el caso de un período histórico convulso en términos socioculturales, políticos y religiosos, la ficción literaria que se desarrolla en un sincretismo de elementos de la Antigüedad clásica / paganismo reinventados y adaptados, *mutatis mutandis*, al paradigma judeocristiano, es una máscara necesaria para transmitir de forma lúdica mensajes de crítica de naturaleza lucianesca multidimensional. Las tres esferas de vellosidad expuestas (capilar, mandibular, anal) constituyen un enigma que, después de filtrado, revela múltiples propósitos de relevancia para el contexto bizantino.

Palabras clave: período Bizantino – *Timarión* – catábasis – vellosidad – diatriba

Resumo

O presente artigo está dividido em duas seções. A primeira delimita e contextualiza o tema em questão, relacionado com as pilosidades na



literatura. O segundo apresenta uma reflexão sobre os significados que envolvem a aparência capilar de três figuras do opúsculo bizantino anônimo do século XII escrito em grego antigo, Timárion. No caso de um período histórico tumultuado em termos socioculturais, políticos e religiosos, a ficção literária que se desenvolve num sincretismo de elementos da Antiguidade clássica/paganismo reinventados e adaptados, *mutatis mutandis*, ao paradigma judaico-cristão, é uma máscara necessária para transmitir de forma lúdica mensagens de crítica multidimensional de natureza lucianesca. As três esferas de pelo expostas (capilar, mandibular, anal) constituem um enigma que, depois de filtrado, revela múltiplos propósitos de relevância para o contexto bizantino.

Palavras-chave: Período Bizantino – Timárion – catábase – pilosidade – diatribe

Abstract

This article consists of two sections. The first delimits and contextualizes the *topos* in question, regarding hairiness in literature. The second presents a reflection on the meanings that include the capillary appearance of three figures from the anonymous Byzantine *opusculum* of the XII century written in ancient Greek, *Timarion*. In the case of a historical period convulsed in sociocultural, political, and religious terms, literary fiction in a syncretism of elements from classical Antiquity / paganism reinvented and adapted, *mutatis mutandis*, in the Judeo-Christian paradigm is a necessary mask to transmit messages of Lucian nature regarding multidimensional criticism with a playful tone. The three hair domains analyzed (capillary, mandibular, anal) constitute an enigma that, after filtration, reveals multiple purposes of relevance to the Byzantine context.

Keywords: Byzantine period – *Timarion* – catabasis – hairiness – satire

Prolegómenos: delimitação

Muito poderia alvitrar-se, com testemunho literário, a respeito do *topos* capilar de ambos os sexos, entre as civilizações da Antiguidade, desde o despontar, ao crescimento / conservação¹ e significações.

Porém, meditar, de um prisma feminino, quanto a vetores determinantes dos diferentes tipos de configurações envergadas, segundo fatores de idade, classe social, estatuto, propósito (e.g. luxúria, adorno; modéstia: *1Tim.* 2:9; *1Petr.* 3:3²), não corresponde ao enfoque do corrente apontamento. Tampouco ponderar a respeito de tonsura / extração com propósito libidinoso (e.g. *Ar. R.* 516; *Plin. Nat.* 29.26; *Mart.* 3.72.4)³, ou intuir simbolismos na manifestação relativa a sentimentos e afetos, através de condutas de supressão capilar integradas em procedimentos rituais fúnebres (viz. morte: o arrancar cabelos da cabeça. em sinal de desespero, e.g. *Il.* 24.712; *Od.* 24.61. Cf. algum paralelismo com ritos matrimoniais, entendido o casamento como cerimónia que certifica uma transação / término de estado, e.g. *E. IA*).

Restringida em parte a magnificente área em apreço ao foro masculino, impõe-se, similarmente, apartar de consideração

¹ Vd. alimentos recomendados para cuidados capilares, na época bizantina, por autores como Simeão Seth (séc. XI), Σύνταγμα κατὰ στοιχείων περὶ τροφῶν δυνάμεων, *Coletânea sobre as Propriedades dos Alimentos*, desde ládano, bagas de murta [mirtilos?], verbena, rabanete.

² Cf. Batten (2009: 484-501).

³ Cf. a extração de pelos púbicos, Kilmer (1982: 104–112; Watson (2005: 83).

aspectos como o arrebetamento capilar enquanto forma de expressar angústia (e.g. Agamémnon, face ao desaire das tropas, *Il.* 10.9. Cf., no paradigma judaico-cristão, *Jer.* 16:6, 41:5), ou, no inverso, também circunstâncias decorrentes de condição psicológica / desmazelo (e.g. crescimento de barba pelo imperador romano Augusto, quando da derrota de Varro – Suet. *Aug.* 23; e em Calígula, durante alguns dias, por força da morte da irmã – Suet. *Cal.* 24). De igual modo se procede no tocante a outras facetas, designadamente, ritualização propiciatória (e.g. *Od.* 3.446-448). Bem assim se contemplam, para o presente efeito, os atos de pentear e barbear a título de desvelo higiénico (viz. Júlio César, Plin. *Nat.* 7.211); e até o escanhoamento como vetor de iniciação / passagem para o estado adulto, abandonando o estado de imberbes (e.g. *Ov. Tr.* 4.10.58; *PA* 6.161. Cf., por vezes, com dedicação da barba a uma divindade, como exemplifica Nero, face a Júpiter, Petr. 29; Suet. *Nero* 12; Censorino *De Die Natali* 1.10, consagrando o pelo a uma deidade sem barba – Apolo). Com igual reserva, a ponderação acerca da pilosidade associada a atletas (e.g. corredores / *luperci* nos *Lupercalia*, Juv. 166). Outrossim, o pelo suposto enquanto meio diferenciador de categoria social / proveniência cidadina / rural (e.g. Mart. 2.17, 9.27, 11.58, 12.59); ou método expressivo de atração (cf. pele suave, Apul. *Met.* 9.22.5) ou indicador de feminilidade / homoerotismo / traço de dandismo (e.g. Mart. 2.62; Suet. *Jul.* 52.3, 49. Cf. César, Plu. *Caes.* 1. Vd. Cic. *Facet.* 2; Macr. 2.3.9)⁴, justificando a extração da pilosidade canelar (cf. Sen. *Ep.* 114.4), encaracolar e adornar cabelo (*Ov. Ars* 1.505-524).

⁴ Cf. Olson (2014:182-205).

Enfoque: *Timárion*

Ora centra-se a análise nos três registos capilares integrados na *ecphrasis* bizantina (séc. XII) anónima, estruturada na forma de diálogo em grego ático, sob título porventura homónimo⁵ de um autor desconhecido na hodiernidade – *Timárion* (Τιμαρίων ἢ Περὶ τῶν κατ' αὐτὸν παθημάτων, *Timárion* ou *Acerca das suas vicissitudes*). O opúsculo de cariz odepórico expõe uma diegese disposta por três momentos essenciais, retratando as contingências de um filósofo da Capadócia que se dirige a Tessalónica, no intuito de participar no festival em veneração do mártir São Demétrio⁶ (*Tim.* 5-10); de seguida, a extração da sua alma por engano; e por fim, configurando uma estrutura anelar, a devolução do protagonista à vida de Constantinopla.

Mas, a bem ver, as aparentes simpleza e linearidade de um primeiro olhar requerem observação mais apurada, em conformidade com a antinomia clássica δοκεῖν/εἶναι⁷, ‘parecer/ser’. Visa-se descriptar as mensagens

⁵ Viz. Constantino Acropolita, carta 91, Romano (1991: 43-44). Cf., no mesmo sentido, Dräseke (1912: 353); Vasiliev (1952: 497).

⁶ Trata-se de santo militar ortodoxo do século IV, proveniente de Tessalónica. De família senatorial, sofreu o martírio em c. 306, após ter afirmado a sua fé cristã, juntamente com o seu amigo Nestor (venerado no dia seguinte ao seu, 26 de outubro), sob o governo romano de Galério. Cf. Vyonis (1981: 196-228); MacDougall (2016: 135-150). Considere-se, de outra forma, com as devidas reservas, a referência de Plutarco (*Demetr.* 12) à celebração dos *Demetria* enquanto um ato de reverência ateniense equiparado a Deméter e Dioniso, proporcionado ao rei da Macedónia Demétrio Poliorcetes (337 a.C.-283 a.C.).

⁷ E.g., A. Ag. 788: τὸ δοκεῖν εἶναι. Cf. Pl. R. 1.334c.

necessariamente encobertas sob enigmas (αίνιγματα)⁸ linguísticos e semânticos, numa lógica de secretismo e elitismo cultural justificativa da difusão limitada do ensaio a um pequeno grupo de cultura elevada⁹, por forma a evitar perigos censórios¹⁰. Patentes estão, por altura do governo dos Comnenos, múltiplas condenações por heresia (e.g. João Ítalo, 1082) ou criptopaganismo conotado com o espaço helénico¹¹.

Seguem-se três lemas sumários respeitantes, em primeiro lugar (a.), à pilosidade capilar apresentada pela figura do *Dux* da Tessalónica; ulteriormente (b.), lugar reservado aos pelos faciais de dois habitantes no Hades; por fim (c.), os capilares anais. Interpretam-se os três espécimes enquanto protótipos / expressão física de uma linguagem enigmática com significações satíricas, relativas à conturbada sociedade bizantina de então.

a. Espécime capilar

Os *Demetria* decorriam por três dias e outras tantas noites, compreendendo, além da celebração religiosa (a cargo de um

⁸ Cf. Pl. *Ep.* 7; Plut. 8.8.3.

⁹ Cf. preservação apenas num único manuscrito de finais do século XIV/princípio de XV – *Codex Vaticanus Graecus* 87, ff. 453-470v, além de um excerto em *Österreichische Nationalbibliothek* (ÖNB) *theol. gr.* 222, f. 193v, enquanto composição espúria de Luciano.

¹⁰ Cf. questão retórica formulada por Constantino Acropolita, carta 91.15-16.: πότερα γὰρ τὰ τῶν Χριστιανῶν διαχλευάσαι βουλόμενος; “O que pretendia ridicularizar dos cristãos?”.

¹¹ Cf. TRIZIO 2013: 462-476.

arcebispo com a entoação de um *hymnus nocturnus* por coros de clérigos e freiras), uma procissão diurna encabeçada por um *Dux*. Governador local, no caso sem denominação, mas porventura figura conhecida pelos leitores da época, considerando os elementos fornecidos na sua descrição (viz. proveniência, ascendentes, matrimónio), com tonalidade epopeica a retomar o princípio clássico de *kalokagathia*¹², procurando associar mérito à beleza física. A propósito do seu cabelo, que se junta a outros traços corporais primorosos existentes em divindades, a exemplo dos referenciados Ares, Hermes, Afrodite, Zeus (viz. olhar, tonificação, retidão, aspeto, magnificência), a descrição corre assim (*Tim.* 9):

“O seu cabelo não era completamente escuro, nem louro em absoluto. Controlados os extremos dessas cores, uma outra tonalidade maravilhosa tingia a cabeleira. Com efeito, o preto é áspero e desagradável, enquanto o louro é efeminado e sem virilidade, ao passo que a conjugação de ambos nos homens conduz ao erotismo.”

Em termos gerais, o cabelo, julgando por aspetos como tamanho, cor, espessura, tenacidade, poderá considerar-se um traço denotativo de raça¹³, idade, valor, ação (apresentando poeira – e.g. *Il.* 401-404, sangue – e.g. *Il.* 17.51). No caso, a anotação capilar prima pelo matiz, refletindo um ascendente de

¹² Vd. καλοκάγαθία (καλὸς καὶ ἀγαθός, ‘belo e bom’. Vd. tratados de fisiognomonía (vd. Polem. *Phgn.* 1.210. Cf. Ps. Arist. *Phgn.*). Cf. Polemis (1968: 3).

¹³ E.g. longo entre atenienses, lacedemónios Hdt. 1.82.7, Beócios 1.195.1, sacerdotes egípcios 2.36.

robustez e masculinidade, a recordar, por certo, heróis e até divindades panteónicas gravadas na tradição.

b. Espécime maxilar

A barba orna duas faces, em *Timárion*: o queixo de um velho (μονόφαγος) glutão (§17) sem nome (§19) e o maxilar de Hipócrates (§37).

Observe-se, primeiramente, num contexto de certa forma subversivo / transviado, um inadaptação às normas da nova realidade ctónica (um retrato de vida filosófica – φιλόσοφος δίαιτα, simples e despreocupada §24), regulada por vetores de contenção relativamente à esfera superior, porém, em termos práticos, um reflexo da realidade mundana, que o ensaio literário escarpela.

O cenário espelha a incapacidade de conter desejos e comportamentos das várias fendas corporais (vd., por via da regra, luxúria sexual, retórica discursiva, apetite). Disfarçadamente, a avidez do ancião por carne de porco mascara, de uma forma, um traço de antissemitismo¹⁴. De outra, um certo propósito crítico face à caça, ocupação nobre da sociedade em ocasião de lazer, conservando o cariz filosófico mormente estoico que norteia o escrito, valorativo do *labor*, em detrimento do *otium* (viz. companheiros da viagem terrestre de Timárion para ocupar o tempo livre, antes da celebração litúrgica). Outrossim, através dessa atividade, uma crítica de

valores da sociedade bizantina dos séculos XI / XII, marcada pelo progresso de uma aristocracia semifeudal, na sequência da reabilitação da vida urbana, da classe aristocrática e da juventude com preparação académica, no decurso da dinastia comnena (1081-1185)¹⁵, qual pré-Renascença ('Renascença Comnena') ocidentalizada.

Por mais, uma transgressão / inconformismo, relativamente ao novo plano nutritivo, desviado da gordura de porco, o que suscita comportamentos de figuras como Teodoro (vd. encenação de vegetarianismo §36; queixa §31, tipo de oneração §27, 31, 46). Na verdade, uma conduta animalesca, porquanto comum a animais, como ratos (criaturas em constante transição entre mundos, quiçá representando as almas de pecadores, seguindo a tradição das visões apocalípticas¹⁶), que degustam os restos de comida caídos na barba¹⁷. O diferendo dietético descrito, quando contemplado de forma mais atenta, assume proporções ético-filosóficas¹⁸, distinguindo personalidades e determinando as respetivas existências (cf. saúde, economia).

¹⁵ Cf., da dinastia comnena, Isaac I Comneno (1057-1059); no ínterim, dinastia Ducas (1059-1081): Constantino X (1059-1067), Miguel VII (1067-1078, por menoridade, regência materna de Eudóxia Macrembolitissa - 1067–1068), Romano IV Diógenes (1068-1071. Deposto após Batalha de Manzikert, 1072), Nicéforo III (1078-1081). Da dinastia comnena reconquistada, Aleixo I (1081-1118); João II (1118-1143); Manuel I (1143-1180); Aleixo II (1180-1183); Andronico I (1183-1185).

¹⁶ Cf. Alexiou (2002. 108).

¹⁷ Cf. traços lucianescos no motivo literário, e.g. Luc. *ProMerc. Cond.* 34, cadela Mirrina, a cargo de um filósofo, cuja barba limpava de vestígios de sopa caídos no dia anterior.

¹⁸ Cf. Chapman y Kim y Suskind y Anderson (2009: 1222–1226); Kaldellis (2012: 275–287).

¹⁴ Cf. Kucharski y Marciniak (2017: 45–54); Marciniak (2020: 131-148).

Acresce ainda o entendimento resultante do seu aspeto tradicional de filósofo (barba comprida)¹⁹. A ironização da pilosidade facial enquanto fundamento de sabedoria²⁰ traduz um reparo dirigido a intelectuais, professores e retóricos bizantinos do século XII, com insaciabilidade bocal, descurando limites entre a filosofia / verdadeira σοφία, ‘conhecimento’ (cf. §43: Parménides, Pitágoras, Melisso, Anaxágoras, Tales e os outros fundadores das escolas filosóficas)²¹, e a sofística que Teodoro de Esmirna e o semi-homem que acompanha João Ítalo refletem, com empolamento (§23, 24), loquacidade (vd. στωμυλία, ‘excesso de palavras’), linguagem iâmbica (λογικοί ἄγῶνες), sem atender a princípios de ordem ética²².

O pendor crítico prossegue, associando-se à aparência barbada em trajes árabes e tonsura zenónica de um médico recrutado do paganismo helénico, Hipócrates, afinal uma crítica latente também à classe médica confiante em saberes profissionais e divinos (viz. Asclépio) da Antiguidade.

¹⁹ Cf. Hermágoras, Pródromo, *Xenedemo* 10-12.

²⁰ Cf. sátira lucianesca de Teodoro Pródromo, Κατὰ μακρογενείου γέροντος, concluindo que, caso a sabedoria reportada ao velho Tucrito (vd. Luc. *DMort.* 16), de barba extremamente comprida, pesada e odor pestilento, dependesse da sua barba, então as cabras também seriam sábias (70-75).

²¹ Importa, pois, distinguir entre a verdadeira σοφία (Pl. *Phdr.* 278d), objeto de estudo da φιλοσοφία e da φρόνησις (cf., a propósito da distinção entre saber prático - φρόνησις e saber intelectual - σοφία, Arist. *EN* 1441a-b, 1143b-1144a) e a competência retórica ministrada pelos σοφισταί. Acresce ainda o valor da σωφροσύνη, enquanto capacidade de distinguir o ‘bem’ do ‘mal’ (Arist. *EN* 1103a, 1107b).

²² Cf. Pródromo, Φιλοπλάτων ἢ Σκυτοδέψης, *Philoplaton ou Curtidor*: ἡ φιλόσοφος συνημμένως ῥητορικὴ καὶ ἡ ῥήτωρ φιλοσοφία, “filosofia retórica e retórica filosófica”.

c. Espécime anal

No parágrafo 44 do Texto Bizantino, a alusão ao Melampigo espelha um certo paralelismo no encontro, em cenário ctónico, da figura do servo cidadão / semi-homem²³ desprovido de escrúpulos que acompanha João Ítalo – por certo vetor de crítica social, com ‘o de traseiro negro’, no caso, o filósofo cínico Diógenes²⁴, de certa forma também seu páreo, comportando-se como um cão (cf. cínico, cão, κύων).

Desde logo, impõe-se meditar a respeito do epíteto clássico recuperado no âmbito de uma terceira sofística²⁵, por referência a Héracles (Ar. *Lys.* 802-803; Eub. fr. 61 II 185 K; Zen. 5.10): μελάμπυγος, ‘nádegas negras, traseiro negro’ (vd. μελαμπύγου τύχοις, *Suda* μ 449). Recordamos uma tradição mitológica algo tardia²⁶ que, além dos Trabalhos descritos por Diótimo

²³ Vd. Luc. *DDeor.* 23, a propósito de ‘semi-homem’, como forma de caracterizar a ambiguidade sexual de Hermafrodito. No caso, atributo diminutivo do valor.

²⁴ Diógenes de Sinope (séc. V/IV a.C.). Cf. cinismo, corrente filosófica reportada a Antístenes (séc. V/IV a.C.), Atenas. Defende vida simples e virtuosa. Crenes na divindade natural (*Physis*), os filósofos cínicos procuram *eudaimonia* e ascese através da virtude (*arete*), autossuficiência (*autarkeia*), *apatheia*, indiferença a normas públicas – *adiaphoria* (e.g. pudor: roupa), libertação de τύφος (‘arrogância, nebulosidade’), filantropia.

²⁵ Entende-se por sofística um movimento cultural desenvolvido em áreas como retórica, oratória, política, história, literatura, religião, tomando por base o modelo cultural da Antiguidade Clássica. Após a primeira sofística (séc. V/IV a.C.), a segunda (séc. I-III) e a terceira (séc. IV), na sequência de Pselo, mediante a ortodoxia comnena dos séculos XI e XII Cf. Vitanza (1991: 117–139); Kaldellis (2008: 225-327); Quiroga (2007: 31–42); Kimball (2010: 262-263); Pernot (2021: 174-176).

²⁶ Cf. notas vetustas, anteriores à época de Cristo, desde algumas atribuídas a Homero, Allen (1946: 159-60); Pherecyd. *FGH* 3 fr. 77; Hdt. 7.216; D.S. 4.31.7-8. A

(*Heracleia* SH 394 = *Suda* ε 3718, séc. II), de acordo com Ateneu (SH 393 = Ath. 13.603d), a título de satisfação de desejos amorosos, para agrado do seu apaixonado Euristeu, Hércules leva igualmente a cabo outras incumbências marginais (*parerga*). Assim, o episódio relatado em *schol. Luc. Alex. 4* (embora com a utilização de diferentes nomes). Na sequência da punição dos Cécropes (cf. *Il. 4.157*), notórios ladrões / salteadores (da Beócia, Paus. 2.18.8, correntemente em número de dois²⁷; porém, D.S 4.31.7-8 reconhece quatro), que haviam tentado roubar a sua pele de leão e clava (vd. ps. - Nonn. *Commentarius in Gregorii Nazianzeni orationem* 4.39; *Suda* s.v. Κέρκωπες, κ1405) desconsiderando conselhos maternos²⁸, o tebano filho de Zeus e Alcmena aplicou-lhes um castigo. Conserva a tradição que os prendeu junto de Éfeso, por ordem de Ônfale (Apollod. 2.13), e os dependurou num pau, que colocou sobre os ombros, despertando o riso dos meliantes –

propósito do entendimento do diálogo hercúleo com as armas, em E. *HF* 1380-1381, enquanto alusão aos Cécropes, vd. Dunn (1996: 220, n. 25); Kirkpatrick y Dunn (2002: 29-61). Acrescem apontamentos, com aproveitamento dramático, cómico e satírico, por parte do compositor de *Cécropes*, em data desconhecida, Pl.Com. B36 Olson fr.96. Referências constam igualmente no ciclo onfálico (e.g. Ion *TGF* 19 fr. 17a-33a; Achae. *TGF* 20 fr. 32-35). Vd., numa lógica mais tardia, paremiógrafos como Zen. 2.85; D.L. 9.114; Nonn. 35; Tz. *ad Lyc.* 91, *H.* 2.431-432; Eust. *Comm. Od.* 19.247M.

²⁷ Cf. Olo e Euríbatos; ou Acmon/Aclemon e Passalo; ou Silo e Tribalo.

²⁸ Vd. *Suda* μ987: Μη σύ γε μελαμπύγου τύχης: μή τινος ἀνδρείου και ισχυροῦ τύχης, “Que não encontres tu um rabo negro. Cuida para evitar o encontro com alguém viril e forte” (Zen. 5.10. cf. Luc. *Pseudol.* 32; Philostr. VA 2.36). De constatar, inversamente, que os homens de rabo pálido são ridicularizados na comédia, como efeminados (cf. também *Suda* λ335: Λευκοπόγους: δειλοῦς, ὡς μελαμπύγους τοῦς ἀνδρείους, “homens cobardes, da mesma maneira que os homens bravos têm rabos negros”. Cf. ligação com δασύπρωκτος ‘traseiro áspero’.

uma impudência, ao contemplarem o traseiro bronzeado e piloso do herói. Daí a designação atribuída a Hércules, denotativa de força e virilidade, com valência neológica²⁹ e alcance proverbial³⁰.

Conclusão

Sob a máscara de uma despreziosa prosa helénica ficcional de autoria não identificada, *Timárion* reflete, com traço satírico lucianesco, aspetos de vários domínios socioculturais bizantinos do século XII, complexo período histórico de censura e castigo, embora não intente assumir-se como uma profissão de fé, tampouco emular-se a um folhetim de transgressão pagã.

²⁹ Cf. topónimos com o mesmo nome, a exemplo de um rochedo, Hdt. 7.216.1, em virtude de os Cercopes, após receberem a morte pelas mãos de Hércules e terem sido entregues a Ônfale ou a Euristeu (D.S. 4.31.7), haverem sido transformados em rocha por Zeus, segundo regista *FGH* 3 fr. 77 Jacoby = *Schol. ad Luc. Alex. 4* Rabe. Outrossim, as ilhas Pitecusas (Isquia, Procida), rememora a sua metamorfose em macacos (Xenag. *FGH* 240 F 28; Ov. *Met.* 14.91-100), aplicada por Zeus. De facto, constam como s criaturas repugnantes que abanam o rabo a outras (Κερκωπίζειν Κέρκωψ), quais homens-macaco/tipo de macaco/animal com cauda (cf. κέρκος, ‘cauda’, D.L. 9.114), sentido gravado no grego bizantino (e.g. Lyd. *Mens.* 3.11) e retratado em pinturas, assim como esculturas (viz. cráter ático Staatliche Antikensammlungen und Glyptothek München; métopo do Heracleion, Paestum). Para a interpretação dos Cécropes como forma de lembrar circunstâncias como a comercialização fenícia de macacos em mercados gregos, cf. Keller (1887: 1). Concernente ao julgamento do episódio enquanto tributo real, a partir de um baixo-relevo assírio, vd. Keller (1987: 11, fig. 2); Perrot y Chipiez (1884: 547, fig 254).

³⁰ Considere-se a forma proverbial Ἄγορὰ Κερκώπων, “mercado de Cécropes”, a propósito de pessoas falsas e mentirosas. Vd. Zen. 1.5, 4.50, 5.10; D.L. 9.114; *Suda* s.v. Ἄγορὰ α301, a respeito do mercado de Éfeso, onde Hércules, tradicionalmente, terá aprisionado os Cécropes. Cf. Gantz (1993: 441-442); Kirkpatrick y Dunn (2002: 29-61).

Porque nestes registos nenhum elemento deverá negligenciar-se, o presente apontamento pretendeu encontrar na atribuição de pilosidade apenas a certas personagens descritas, em determinadas partes dos seus corpos adultos, um propósito incluso.

Na generalidade, constitui-se sobre esse princípio um campo semântico com elementos como maturidade, sabedoria, virilidade, virtude, aplicado a *personae* destacadas na diegese. Assim, poderá entender-se tal circunstância enquanto ícone físico paradigmático de respeitabilidade e excelência, expresso na cabeleira do *Dux*. De outra forma, a chamada de atenção para o maxilar de um velho glutão e de um conhecido filósofo parece remeter para a incapacidade de contenção oral, tanto num plano básico alimentar, como na verbalidade retórica e filosófica. Por fim, o filósofo cínico Diógenes, que recebe o epíteto da mitologia clássica reportado ao herói Hércules num risível episódio³¹ em que revela justiça e virilidade.

Constituem, de facto, figuras de certa forma marginais, em relação à centralidade de Timárion, porém, representativas de vetores da sociedade bizantina retratada no submundo, que

³¹ Com efeito, a trama odepórica (reportando à memória os perigos das viagens em tempos bizantinos) à partida, poderia ter assumido tonalidade trágica ou epopeica, desde o momento em que se narra a viagem empreendida por Timárion, com início positivo, mas de retorno trágico (§2), com um νόστος de percurso ctónico retificado, qual processo paradoxográfico de *poltergeist* invertido, por meio de um vulto que deveria estar vivo a surgir entre mortos - um equívoco primaz. Pelo contrário, na progressão face a um final feliz, gerem-se diversos momentos de crítica e de riso nas cenas e nas personagens apresentadas.

pretenderiam ser criticados³², num cenário literário de fantasia e paganismo, qual produto de *paideia* helénica, com laivos de censura face a vetores de ortodoxia cristã e à tirania política Comnena.

Bibliografia

- Alexiou, M. (2002). *After Antiquity: Greek Language, Myth, and Metaphor*. Ithaca: Cornell University Press.
- Allen, T. (ed.). (1946). *Homeri Opera*, Vol. 5. Oxford: Oxford University Press.
- Batten, A. (2009). Neither Gold nor Braided Hair (1 Timothy 2.9; 1 Peter 3.3): Adornment, Gender and Honour in Antiquity. *NT* 55(4): 484-501.
- Chapman, H. y Kim, D. y Suskind, J. y Anderson, A. (2009). In Bad Taste: Evidence for the Oral Origins of Disgust. *Science* 323: 1222–1226.
- Dräseke, J. (1897). Michael Psellos im *Timarion*. *BZ* 6: 483-490.
- Dunn, F. (1996). *Tragedy's End: Closure and Innovation in Euripidean Drama*. New York: Oxford University Press.
- Gantz, T. (1993). *Early Greek Myth. A Guide to Literary and Artistic Sources*. Baltimore y London: The Johns Hopkins University Press.
- Kaldellis, A. (2008). *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kaldellis, A. (2012). The *Timarion*: Toward a Literary Interpretation. En P. Odorico (ed.). *La face cachée de la littérature byzantine: le texte en tant que message immédiat - Actes du colloque international 5-6-7 juin 2008* (pp. 275–287). Paris: Centres d'études byzantines, néo-helléniques et sud-ouest européennes, École des hautes études en sciences sociales.
- Keller, O. (1887). *Thiere des classischen Alterthums*. Innsbruck: Verlag der Wagner'schen Universitäts-Buchhandlung.
- Kilmer, M. (1982). Genital Phobia and Depilation. *JHS* 102: 104–112.
- Kimball, P. ed. (2010). The Third Sophistic: New Approaches to Rhetoric in Late Antiquity. *Journal of Late Antiquity* 3: 262-263.

³² A questão basilar surge retoricamente formulada por Constantino Acropolita: πότερα γὰρ τὰ τῶν Χριστιανῶν διαχλευάσαι βουλόμενος; “O que pretendia ridicularizar dos cristãos?”. Cf. Constantino Acropolita 91.15-16.

- Kirkpatrick, J. y Dunn, F. (2002). Heracles, Cercopes, and Paracomedy. *TAPhS* 132 (1/2): 29–61.
- Kucharski, J. y Marciniak, P. (2017). The beard and its philosopher: Theodore Prodromos on the philosopher's beard in Byzantium. *Byzantine and Modern Greek Studies* 41: 45–54.
- MacDougall, B. (2016). The Festival of Saint Demetrios, the Timarion, and the Aithiopika. *Byzantine and Modern Greek Studies* 40.1: 135–150.
- Marciniak, P. (2020). Of false philosophers and inept teachers: Theodore Prodromos' satirical writings (with a translation of the poem *Against the old man with a long beard*). *Βυζαντινά Σύμμεικτα* 30: 131-148.
- Olson, K. (2014). Masculinity, Appearance, and Sexuality: Dandies in Roman Antiquity. *JHSex* 23(2): 182-205.
- Pernot, L. (2021). The Third Sophistic. *Rhetorica* 39(2): 174-176.
- Perrot, G. y Chipiez, C. (1884). *Histoire De L'art Dans l'antiquité – Phénicie – Egypte – Assyrie – Judée – Asie Mineure – Perse – Grèce*. Paris: Librairie Hachette et Cie.
- Polemis, D. (1968). *The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography, Demetrios I*. London: Athlone Press.
- Quiroga, A. (2007). From *Sophistopolis* to *Episcopolis*: The Case for a Third Sophistic. *Journal of Late Antique Religion and Culture* 1: 31–42.
- Romano, R. (1991). *Costantino Acropolita, Epistole, carta 91*. Nápoles: M. D'Auria.
- Trizio, M. (2013). Trials of Philosophers and Theologians under the Komnenoi. En A. Kaldellis y N. Siniossoglou (eds.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium* (pp. 462-476). Cambridge: Cambridge University Press.
- Vasiliev, A. (1952). *History of the Byzantine Empire 324-1453*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Vitanza, V. (1991). Some More Notes, Towards a Third Sophistic. *Argumentation* 5: 117–139.
- Vyronis, S. (1981). The Panegyris of the Byzantine Saint: A Study in the Nature of a Medieval Institution, its Origins and Fate. En S. Hackel (ed.). *The Byzantine Saint* (pp. 196-228). Birmingham: University of Birmingham.
- Watson, P. (2005). 'Non Tristis Torus et Tamen Pudicus': The Sexuality of the 'Matrona' in Martial. *Mnemosyne* 58(1): 62–87.

Reina Marisol Troca Pereira es Doctora en Estudios Clásicos por la Universidad de Coimbra. Es miembro del Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra y se desempeña como Professor Auxiliar com Agregação en la Universidade da Beira Interior (UBI). Ha realizado traducciones del latín al portugués y del griego al portugués. Sus campos principales de investigación son los estudios lingüísticos y la literatura griega.